

J. O. BROOK

L. B. BROOK

7 pecados
ao
Vento
Vingança por amor



7 PECADOS AO VENTO

Vingança por amor

Autores:

J. O. Brook

L. B. Brook

Ano 2016



Agradecemos,

Primeiramente agradecemos a Deus por tudo e...

Dedicamos este nosso livro a todas as pessoas que acreditaram neste projeto, família, amigos e as mulheres que leram o livro que nos incentivaram a lançar, afinal escrever uma aventura que começou para ser apenas um livro e que virou uma trilogia dando asas a que os nossos personagens ganhassem vida e desenvolvêssemos uma história, não vamos mencionar nomes de pessoas especiais que passaram nas nossas vidas porque poderíamos esquecer-nos de alguém, assim apenas dizemos a todos que sabem que são especiais na nossa vida...

Muito obrigado!

J. O. Brook & L. B. Brook

Capítulo 1

Eu vou amar-te sempre

Ao receber o documento em que era condecorado de comendador pelo governo português com a data de ordenação pelo Presidente, olhei para aquele papel timbrado e não estava assim tão feliz com aquele reconhecimento “dos meus serviços prestados ao país de Portugal no estrangeiro”. Os meus pensamentos voaram pelo sabor do vento e da maresia do mar da minha terra, foram de encontro à imagem que mantinha guardada por mais de trinta anos, que mesmo após tanto tempo continuava dançando ao som das gaitas, dos tambores e das guitarras. Ainda podia sentir o cheiro dos lampiões de querosene entrando nas minhas narinas misturando com os odores de peixe sobre as brasas, as minhas sensações eram fortes demais para esquecer-la, a sua beleza, o cabelo solto apenas com uma fita de cetim azul sobre o loiro do seu cabelo perfumado, a blusa branca com renda e aquela saia rodada iluminada pelo fogo que dava um austero clima de paixão e que eu ainda sentia.

Éramos dois jovens que apenas trocavam olhares na igreja aos domingos sobre o sermão do padre Francisco, quando ela vinha da mercearia com as empregadas eram olhares tão intensos que parecia que os nossos corpos se tocavam mesmo distantes; sabia que ela me

amava e eu a idolatrava, além de ser a mais bonita da vila tinha algo de intocável para mim como uma prece que fazemos a uma santa, sabemos que rezamos, podemos a ver, contudo não podemos tocar, nosso amor era assim.

Ana Maria era o seu nome, Aninha como era chamada na vila; a filha da família mais rica da vila, uma vila sem muito desenvolvimento onde apenas existiam os muitos ricos e os pobres muitos deles que se dedicavam ao mar, mas apesar dessa diferença éramos felizes com pouco. Aquela rapariga era o “ai Jesus” da vila não apenas pela sua beleza, mas por conta da sua humildade, simpatia, desapego pelos bens da família, ela queria ser feliz, correr pela vila descalça atrás das crianças, adorava correr na areia da praia e cair dentro de água gelada mesmo no inverno, rica e tinha tudo o que pudesse desejar da capital. Era uma rapariga simples sem grandes luxos, entrava na casa do pobre como entrávamos no palacete da família, nós os rapazes brigavam por um simples olhar dela, quando olhava para nós brigávamos para quem seria aquele olhar, na verdade sabia que era para mim, mas isso era um segredo nosso.

Vi-me novamente com dezesseis anos entrando na “Quinta das Eiras” as escondidas como um ladrão apenas para trocar olhares enquanto ela tocava ao piano - contrariada pela mãe - fazia sinal a ela e deixava um bilhete debaixo do vaso de flores do alpendre da casa escondido de tudo e todos. Sabíamos que nosso amor era proibido não que alguém soubesse, mas pelo abismo que existia das nossas vidas, mas

com dezesseis anos pensamos que éramos homens e enfrentamos o mundo e todos que pode ser contra os nossos sonhos. Apenas acordava para a realidade quando tínhamos de ir para a vida do mar, para mim ela ia ser minha um dia nem que tivesse trabalhar dia e noite para poder ser alguém na terra e um homem respeitado, brigava com os rapazes mais velhos para mostrar que era o mais bravo na terra, as mulheres mais velhas diziam aos filhos para terem cuidado comigo que era muito brigão, senão me respeitassem pelo amor ia ser pela dor. Aquilo me fazia rir porque ate hoje levava esse lema, as pessoas da vila diziam “O António é como o mar lindo, mas bravo é um perigo”.

Os dias correram e o nosso amor apenas aumentava parecia que o fogo da nossa paixão usava toda a madeira dos pinhais que rodeavam as nossas praias, tinha uma beleza das fontes da terra, lindas, limpas, puras e que vão abrindo caminho sem pedir licença a ninguém. Começamos a nos encontrar as escondidas na praia de Milfontes ao final do dia ela dava a desculpa que ia a missa rezar e fugia entre as ruelas de terra para cortar caminho, com os sapatos debaixo do braço lá vinha Ana Maria correndo, as mais velhas quando a viam a correr ao final do dia diziam entre elas “vai dar morte, deixa o pai saber”, mas ninguém falava nada afinal ela vinha encontrar-se com António Bravo. Quando a avistava ao longe erguia os braços para lhe acenar e ai o coração disparava como os cavalos bonitos soltos na natureza, abraçávamo-nos, trocávamos juras de amor e entre um olhar e outro, roubava-lhe um beijo, naquela altura não passávamos disso.

Claro que em terra pequena todos falam tudo se comenta e propriamente a princesa da vila e o mar bravo em pessoa ter um amor a surgir com todas as forças não é algo que se possa esconder muito tempo. O falatório na vila era mais que muito até o padre Francisco entrou no barulho, o fidalgo da “Quinta das Eiras” foi tirar satisfações com o pobre do padre que nada sabia do nosso amor e o que sabia estava em segredo de confissão, as beatas contavam como jornal da cidade que D. Fernando colocou o dedo no nariz do padre e dizia “vou falar com o Bispo; sou lei nesta terra”, enquanto nossas famílias brigavam uma com a outra nós apenas dizíamos um para o outro “Eu vou amar-te sempre” e como homem falava e batia no peito “por ti brigo com a vila toda”. O que começa mal, mais tarde ou mais cedo acaba dando errado e o nosso amor não podia ser diferente, o capataz da “Quintas das Eiras” certo dia foi na taberna onde meu pai se encontrava e disse em alto e bom som para todos ouvir “Trago um recado de D. Fernando ou você cuida do seu filho ou ele cuida dele” diziam os homens da vila que meu pai olhou e disse já bêbado “Meu filho é homem, dê você o recado ou têm medo de apanhar do António Bravo” o capataz não gostou da resposta e bateu no coitado bêbado.

E assim o nosso amor crescia como um barril de pólvora pronto para explodir a qualquer momento. Aos domingos quando entrávamos na igreja era um silêncio e uma troca de olhares para ver quem puxava de alguma arma. Hoje tenho vontade de rir porque era atrevido, entrava na nave da igreja e em vez de sentar-me discretamente fazia de propósito - passava em frente ao banco da família Cardoso

Albuquerque de Magalhães e os cumprimentava -, minha mãe coitada rezava noite e dia para que a Santa acabasse o nosso amor, fez novena para a santa, mas não havia nada que acabasse o nosso amor. Os pais da Ana Maria a mandaram estudar para um colégio de freiras na capital e eu como homem fui atrás dela, minha mãe quase morreu com tal atitude, não e perguntem como era a cidade de Lisboa e nem como encontrei no bendito colégio, apenas me lembro de gritar o nome da Ana Maria na rua até que as freiras chamaram a polícia, resultado: Ana Maria foi mandada para casa e eu tinha o meu amor de volta à vila.

Quando estava para fazer dezessete anos meu corpo tinha ganhado formas de homem, corpo desenvolvido pela lida do mar era um homem feito, menos de um ano tinha mudado, mas a minha rebeldia e a falta de medo apenas tinha aumentado assim como cada musculo do meu corpo, o meu amor por Ana Maria era tanto que quando chegávamos à praia da lida do mar e eu via a Ana Maria na praia saltava do barco e nadava de encontro a ela apenas para poder tocar a sua pele, era o melhor do meu dia. Nessas idas e vindas do mar, bem nas vésperas do meu aniversario algo aconteceu na minha vida que iria mudar para sempre a nossa história. Até hoje não sei como aconteceu era respeitoso demais para ela, para mim ela era feita a santa da cidade que tinha o privilegio de tocar por breves minutos mais nada que isso, mas não sei se foi o pôr do sol que tocava no mar misturado com a maresia que nos embriagou juntamente com a nossa paixão que o beijo começou a ficar mais intenso.

Pela primeira vez pude sentir a pele de Ana Maria tocando na minha pele curtida pelo sol e áspera do sal do mar; parecia que tocava em pedaço de porcelana que podia quebrar com um movimento brusco, sentir o sabor do beijo dela era inebriante - uma mistura de hortelã e o salgado do mar -, nossos lábios se tocaram e pareciam que naquela hora todos os barris de pólvora do mundo estavam a arrebentar, as ondas da praia era a musica que embalava o nosso amor e a areia tornou-se o melhor colchão. Ela percorreu com as mãos cada musculo do meu corpo e apenas respondi tocando com os meus lábios levemente a sua pele, a mistura de suor e a água salgada dava uma sensação única deixando cada vez mais excitado. Meu corpo respondeu ao sentir ela perto de mim, pude ver como Ana Maria era linda e eu estava ali com o amor mais sincero do mundo por aquela mulher; percorri o seu corpo com os meus lábios enquanto a sua respiração acelerava a cada vez que tocava nela. Tudo era perfeito queríamos parar o tempo para nos esquecer dos Cardoso Albuquerque de Magalhães, das beatas da vila, tudo e todos, naquele momento éramos dois apaixonados trocando juras de amor eternas enquanto os nossos corpos encaixavam-se na perfeição, os movimentos das batidas dos nossos corações acompanhados do ritmo das ondas ditavam o nosso amor, as mão de Ana Maria cravaram-se na areia da praia tentando segurar o prazer do nosso amor enquanto consumávamos o nosso amor sobre aquele céu, foram minutos da perfeição da criação de Deus e do amor sincero entre um homem por uma mulher, perdemos a noção das horas, de onde estávamos o

mundo para nós tinha acabado e apenas estava ali o resultado de um grande amor.

Fomos despertados do nosso mundo e de um sono do cansaço causado pelo nosso amor, nus e abraçados, por vozes que vinham de longe gritando “Ana Maria”, acordamos sobressaltados já de noite, com as estrelas e a lua nos iluminando. Pegou as roupas dela e rapidamente vestiu-se e partiu correndo do nosso pequeno mundo levando com ela todos os nossos sonhos, desejos, amor e planos de uma vida em comum e é claro, as nossas juras de amor eternas, depois de mais de trinta anos ainda podia ouvir o nosso sussurro nos ouvidos um do outro dizendo “Eu vou amar-te sempre” enquanto permanecia dentro dela, para nós não havíamos pecado em nada que tínhamos feito, mas foi a ultima vez que vi Ana Maria e a imagem ainda me faz doer. Ver aquela menina correndo na praia em direção as vozes, olhando para trás e o brilho nos seus olhos do nosso amor.

Passaram-se dias da nossa noite de amor e Ana Maria tinha desaparecido da igreja, das ruas correndo em direção a praia ao final do dia, o piano deixou de tocar no solar da família; as risadas das conversas de Ana Maria com as empregadas da casa, os portais do quarto de Ana Maria mantinham-se fechados não respondendo aos sinais que lhe enviava atirando pequenas pedras contra as janelas do quarto, volta e meia acendia a luz, um pequeno movimento nas cortinas davam esperança ao meu coração, mas nada de aparecer Ana Maria para me acenar a janela, alguém gritava lá de dentro “Eu

vou matar aquele desgraçado”, mesmo assim, não tinha medo de ninguém apenas queria vê-la uma única vez. Tinham passados trinta dias sem saber nada do meu amor, quando ela foi embora correndo na praia levou meu coração e eu precisava dela para viver, lembro que perdi as contas de quantas vezes gritei o nome dela pela “Quinta das Eiras” e não obtive resposta nenhuma.

Uma noite nas minhas idas furtivas ao solar da “Quinta das Eiras”, pulei o muro apoiado ao velho carvalho que sempre ajudara a subir, sem fazer barulho percorri parte da fazenda; na direção a grande casa senhorial que tinha passado de geração em geração, nunca tinha percebido a beleza daquele lugar e nada do que estava ali me interessava. Apenas queria ver o meu amor nem que fosse da frecha da janela do primeiro andar, sei que andei um pouco quando senti uma dor aguda na cabeça e perdi os sentidos, acordei sentido dores pelo corpo e o sangue a correr; queria me soltar, mas as minhas mãos estavam amarradas, a visão estava embaçada, mal conseguia abrir os olhos de tanto que me bateram, ainda tenho uma marca no olho que não deixa esquecer-se daquela noite. No corpo eram marcas fundas do chicote que usaram para me bater, alguém gritou “joguem sal no bravo, quero ver o homem que ele é”; ouvi o grito soar de Ana Maria; queria me soltar para correr para ela, mas era impossível, o Bravo estava como Sansão da Bíblia preso e sem forças para lutar contra o seu inimigo. Naquela época lembrei-me do sermão do padre Francisco e pensei em pedir ajuda a Santa, a Deus e eles não me iriam ouvir, tentava me soltar apesar das dores a cada grito que saía da Ana

Maria, contudo tudo acabou quando despejaram sal sobre o meu corpo, quando o sal bateu nas feridas a dor foi dilacerante e perdi os sentidos.

Permaneci dias em cama inconsciente, tratado pelos remédios caseiros da minha mãe e das pessoas mais velhas da vila. Naquele tempo não existia hospital e o que tínhamos era o médico da vila e, - por ordem dos Cardoso Albuquerque de Magalhães estava proibido de ajudar-me - eles queriam que morresse e assim acabar com qualquer lembrança do amor da princesa da vila com o pescador António Bravo. Esqueceram que era feito o mar que calmo é; aquela coisa pacífica que a pessoa entra sem medo de morrer, mas bravo é o mar em dia de tempestade que destrói tudo e o meu amor por Ana Maria era mais forte que a surra que os empregados da “Quinta das Eiras” tinham-me dado. Depois de muitos dias sem abrir os olhos, quanto senti a mão de minha mãe a mudar os curativos, agarrei a mão dela e perguntei com a voz embargada ainda “A Ana Maria?”, as lágrimas da minha mãe correram pelo rosto ao ver-me naquela situação às portas da morte e apenas perguntava por ela, o meu amor.

Nunca mais vi a Ana Maria, as minhas feridas foram curadas, o meu ódio não. Não por quem proibiu o nosso amor, alimentei o meu ódio pela família Cardoso Albuquerque de Magalhães, pela “Quinta das Eiras”, pela vila que me viu nascer, pelo povo e durante anos esse sentimento me alimentou para conseguir receber aquele papel que agora estava em minhas mãos. Um dia Vila Nova de Mil Fontes ia se

curvar perante o António Bravo, o rapaz que enfrentava o mar pelo amor, senti novamente ódio correr nas veias e amassei o papel que estava em minhas mãos. Mais de trinta anos que não ia a minha terra, de muito tempo o Brasil era a minha terra, o meu refugio de todos que me quiseram mal, esqueci o meu passado para vencer em terra diferente da vila que nascera e agora, era comendador por serviços prestados a terras lusas.

E o meu amor, trinta anos que não pude pensar nele. Como estaria Ana Maria?

Capítulo 2

Quem é o novo comendador português?

Charles olhava para mim ainda amassando a carta de papel timbrado. Sabia que estava nos meus mais profundos pensamentos, como bom assessor e conhecedor da pessoa com quem trabalhava a mais de sete anos não se atreveu a perguntar absolutamente nada, ficou imóvel, sentado na cadeira observando todas as minhas reações, podiam passar minutos e horas que ele não iria abrir a boca. Alguém bateu na porta o que fez levantar-se da cadeira, perdido nos meus pensamentos nem percebi que ele tinha dispensado, a duro custo voltei a arrumar as caixas das minhas memórias e a focar naquela notícia, “Eu era comendador português” pensei comigo o que faz dinheiro, anos sem ir a Portugal, amaldiçoando aquela terra que era minha, aquela gente que pertencia ao lugar que nasci, vivi, morri e revivi.

- Charles!– gritei com toda a força dos meus pulmões pensando que estava sozinho na sala, quando fui despertado pela voz dele.

- Sr.Comendador? – sorriu para mim, mas pela reação da minha cara o mesmo sorriso desapareceu e voltou a formular a frase, - Sr. António Bettencourt?

- Responda dizendo que não posso comparecer na data da ordenação de comendador! – a ordem surpreendeu Charles que ia dizer algo, mas automaticamente foi surpreendido pela minha resposta – Achava que António Bettencourt vai a Portugal depois de mais de trinta anos por ordem de alguém? Nem do Presidente!

Charles continuava parado sem saber o que fazer ou dizer - contrariar podia custar o emprego, a cabeça ou qualquer outro membro do seu corpo - nenhum funcionário ousava contrariar as regas, ordens ou pensamentos que tinha. Chegar aquele lugar tinha custado dias, meses, anos, décadas, mas o grupo Bettencourt era uma dos mais sólidos holdings do mundo, apenas sabia os sacrifícios que tinha passado para chegar aquele lugar, agora que era rico e Portugal em crise, até o mais poderoso homem tinha que dobrar-se perante António Palhais Bettencourt. Ninguém sabe o que é aos dezessete anos sair de uma vila de pescadores perdida em Portugal com uma mala de cartão, meia dúzia de tostões, uma carta de chamada de um tio no Brasil e um enorme navio bem maior dos que estava habituado a cavalgar sobre o mar, sobre as lágrimas que engoli de saudades da minha gente, dos amigos, do funeral da “Tonha da praia” – minha mãe - que não pode ir para me despedir esta, morreu de desgosto de estar longe do filho e a dor de não saber nada da Ana Maria e essas dores percorreu meu corpo e alma todas as noites durante anos. Então agora não era um Presidente que ia dar ordens a minha pessoa.

Olhei para Charles que parado olhava para mim esperando uma nova ordem, tirei os óculos e disse em voz dura e austera como era conhecido:

- Algum problema? Pagam cursos superiores para não saber pegar no telefone e ligar para alguém em Portugal dizendo que não vou? E não responde! – falei enquanto o pobre do Charles tremia nas pernas, se fosse menino de escola tinha feito algo nas calças.

Saiu rapidamente, sem pestanejar e fechou a porta na maior silêncio, encostei-me novamente na cadeira a observar o papel, tinha conseguido mais que esperava porque o objetivo não era virar comendador de país nenhum; bastava ser cidadão honorário de Vila Nova de Milfontes para poder regressar poderoso. Agora aquele rapaz pescador com apelido de bravo, agora era “Comendador da Republica Portuguesa”, estava na hora de começar a preparar a minha chegada, afinal sou comendador. Sorri pensando “sou a pessoa mais importante da região”, que pena D. Tonha não estar aqui para ver aonde cheguei.

Os pensamentos foram interrompidos pelo toque do telefone, alguém precisava falar comigo e não existe som mais irritante que aquele a tocar quando você esta mergulhado nos teus pensamentos. Sabia que não era o meu passado nem o titulo de comendador que ia mudar a minha vida e nem o meu ser, muitas pessoas, famílias dependiam do nosso grupo então tinha quatro secretárias, dois assessores diretos e um bando de bajuladores por causa do meu dinheiro. Atendi e Miriam

do outro lado informa que uma jornalista de Portugal queria falar comigo:

- Pode passar Miriam, diga a ela para ser rápida meu tempo não é dinheiro é ouro!

Durante alguns segundos fez-se aquele silêncio na linha e uma voz sensual e feminina surgiu do outro lado:

- Estou com o tal comendador na linha, - informava a mulher a alguém do outro lado.

- O tal não! O próprio António Bettencourt e você devem ser a tal jornalista que quer falar comigo, correto? – indaguei com autoridade.

- Perdão Senhor Comendador, pensava que não estava na linha ainda...

-Uma Jornalista que pensa e que não vêm com as perguntas habituais preparadas, raro! – interrompi formal e um pouco mal educado.

- Peço desculpas Senhor Comendador, meu nome é Cristina Machado jornalista do jornal da região aqui em Vila Nova de Milfontes e queria saber quem é o ilustre cidadão da terra que foi empoçado à Comendador? Ninguém sabe quem é António Bettencourt na cidade? Que família poderosa e abastada pertence? E como fui incumbida de escrever uma matéria sobre o senhor e ninguém sabe quem é senhor na terra... – desculpou-se a jornalista com medo da minha reação.

-É verdade, ninguém sabe quem eu sou ai na terra, mas usam obras oferecidas pela minha organização humanitária a qual sou presidente e fundador, as casas dos pescadores da Quinta da Areia uma parte ajudei a construir, o posto de saúde mais carenciado ajudamos a construir, fora as ajudas que damos a terra sem os jornais saberem e com isso ajudamos a eleger certas pessoas na sua terra!

-Na minha terra? Não é sua também? – perguntou com autoridade a jornalista

- Cristina, certo? – ouvi a confirmação do outro lado – Cristina minha terra é o Brasil onde fiz fortuna e onde sou rei e senhor, minha terra? Quem manda uma jornalista de um jornal de terceira saber quem sou não pode ser a minha terra.

- Não posso deixar de concordar com o senhor, mas... – foi ela interrompida novamente.

- Cristina, eu não dou entrevista no Brasil, não saio em jornais, televisão em lado nenhum, se você acha que eu sou um mistério pode dizer que sim, nunca gostei de aparecer e não apareço em lugar nenhum, apenas sou António Bettencourt um português que saiu de Portugal carregado de sonhos, que atravessou um oceano num barco em busca do lugar que ocupo, fez a minha fortuna com as próprias mãos, herdei uma fábrica falida com um passivo mais alto, mas não maior que o meu sonho e os meus desejos – a voz foi embargada pela emoção.

- Quer dizer que o senhor herdou toda a sua fortuna? - questionou a jornalista.

-Não posso deixar de sorrir pela sua observação, se você chama um sobrenome quatrocentão, uma família cheia de dívidas e empregados sem receber ordenado é uma fortuna então recebi sim. Contudo, a holding que sou dono hoje conta com mais de vinte empresas diretas e indiretamente ligadas que tem quase de lucro o PIB de países em crise; podemos comprar Portugal – informou António orgulhoso do seu patrimônio.

-Comprou o seu título de comendador? – pressionou a jornalista.

-Cristina você conseguiu o que ninguém conseguiu em mais de trinta anos, quer uma entrevista comigo e com o meu staff, vai ter de apanhar um avião, cruzar o oceano e perguntar tudo pessoalmente – informou impaciente António –imagino que um jornal de uma vila não tenha condições para pagar uma viagem ao Brasil a uma jornalista e vir entrevistar o novo Comendador de Portugal. Por favor, não desligue o Charles vai pegar todos os seus dados para mandar o jato da empresa pegar a senhorita ou senhora? – aquela moça tinha algo que me fascinara, não baixava a cabeça e conseguira arrancar mais palavras que muitos jornalistas em toda a minha trajetória - como empresário.

Transferi a ligação para Charles e mandei tomar nota de todos os dados da jornalista para que ela pudesse vir o mais rápido para o

Brasil. Fiquei pensando comigo e a perguntar: O que ela tinha de diferente para conceder cinco minutos do meu tempo e responder as perguntas de uma jornalista tempestiva? Ao mesmo tempo mandei ligar para Daniel e que vinhesse ao escritório; estava na hora de dar andamento ao plano de vingança que alimentara durante anos, mais especificamente, trinta anos - tinha como objetivo na vida, fazer pagar a todos que tiraram a possibilidade de ser feliz. É muito tempo, mas para mim o que vivi nas terras de Milfontes era como ontem, tinha chegado a hora de dar o troco a tudo e a todos.

Capítulo 3

O braço direito

Quando Daniel entrou estava focado nos documentos que tinha recebido dos escritórios de Nova York. Era o único que podia entrar na minha sala sem ser anunciado, a nossa amizade tinha quase tanto tempo quanto tinha de Brasil. Daniel era mais que um amigo, um irmão e conhecia tudo de mim, a minha historia e eu a dele éramos companheiros de muitas aventuras, sabores e conquistas. “Os irmãos de sangue”, não se podem escolher com almas gêmeas nascem ligadas e, Daniel era isso, mais que um irmão, um amigo, ele sabia tudo de mim e eu dele, a nossa amizade tinha grandes historias, assuntos secretos, mas as nossas conquistas foram sempre realizadas juntos. Parte do sucesso do Grupo Bettencourt devia-se ao olhar clínico dele para dar a volta em todas as questões burocráticas, eu geria todos os negócios, enquanto um era perfeito para cuidar de toda a parte de papéis o outro geria as pessoas, nossa parceria tinha começado quando eu chegara ao Brasil.

Dois anos que estava no Brasil na cidade de São Paulo, tudo ainda era novidade para mim, queria vencer a todo o custo, trabalhava na padaria do irmão da minha mãe. Decididamente aquela vida não era para mim, Daniel era inquilino de um dos quartos na casa dos meus tios, estudava advocacia a muito custo, pois o seu tempo era mais

passado na boa vida, com amigos, festas, bares, bebendo, aos vinte e um anos Daniel parecia que queria viver tudo de uma vez, parecia que o seu tempo estava acabando e ele queria levar o melhor do mundo. Então sua vida era passada quase sempre em festas e em companhia de pessoas da sociedade paulistana dado ao sobrenome dele, pois pertencia a uma família poderosa no interior de São Paulo, seus pais fazendeiros mandaram o estudar para a capital do Estado com uma boa mesada como os seus dias eram passados em festas o orçamento que lhe sobrava dava para pagar o quarto na casa dos meus tios.

Foi assim que nos conhecemos, ele um playboy de boas famílias que nada tinha a ver com o meu mundo e eu um pobre rapaz que apenas tinha um objetivo na vida de ficar rico a qualquer custo. No início como os nossos mundos eram tão distantes ele fino com roupas bem cortadas e sempre rodeadas de amigos bem falantes e, eu um simples aprendiz de padaria com roupas simples e remendadas, nada tínhamos a ver um com o outro, quando uma amizade esta predestinada as coisas acontecem e por um acaso do destino, certa noite quando regressava de uma festa Daniel foi abordado por quatro elementos a quem ele devia uma alta soma de dinheiro; os homens rodearam Daniel pedindo o dinheiro que ele devia, o coitado nada podia fazer dava desculpas que estava a espera da mesada dos pais para acertar as contas com o agiota a quem devia dinheiro, eu nada tinha a ver com o assunto mas ao ver os elementos batendo no coitado do estudante o sangue começou a ferver e acabei entrando na

confusão. Daniel estava deitado no chão apanhando todo ensanguentado sem reação para nada, tinha de defender aquele coitado senão eles o matavam e como gostava de brigar, foi um prazer ajudar e, virou uma gratidão eterna de Daniel por mim.

A partir desse dia passamos a ser mais que irmãos, Daniel contou aos amigos o que fizera por ele e passei a ser o interesse dos amigos de Daniel. O português bom de briga que enfrentara quatro homens armados e com a força dos punhos tinha acabado com eles rapidamente, o meu mais novo amigo começou a chamar para ir com ele a algumas festas da sociedade paulistana e de um momento para o outro eu - o português - estava dentro dos salões da alta sociedade, mal sabia me comportar naqueles lugares porque da vida de pescador para os salões finos era uma distância muito grande, Daniel sabia como entrar e conviver com aquelas pessoas quando chegava apresentava-me e já contava o meu feito, acabou que numa dessas festas um grupo de ricos duvidou da minha capacidade e do feito de quando o livreiro, até que Daniel saiu-se com a brilhante ideia mediante a dúvida de alguns:

- Então fazemos o seguinte, o António ele enfrenta o mais forte de vocês! – afirmou Daniel rodeado de amigos – Quem quer enfrentar ele? Apostamos a dinheiro, se o António derrotar o Afonso ficou com a grana toda das vossas apostas.

Foi uma risada completa porque naquele momento percebi onde estava metido, Daniel tinha acabado de abrir uma aposta em dinheiro

como conseguia acabar com um amigo dele forte, alto e que parecia um autêntico touro bravo, foi tanta conversa que começou a juntar pessoas da festa para assistir ao desafio do português com um dos herdeiros de uma das maiores fortunas de São Paulo. O dinheiro foi aparecendo e às pessoas gritaram, começaram a dizer aposto neste e/ou naquele, os olhos de Daniel brilhavam com tudo aquilo e eu apenas olhava ao meu redor aquelas pessoas desconhecidas apostando dinheiro no ricaço, do meio do povo uma voz feminina, suave e sensual disse:

- As mulheres também podem apostar? – todos olharam para aquela moça elegante, que estendeu a mão e nela um anel com uma enorme pedra – Se eu poder apostar; quero colocar este anel no português.

Ela era diferente, maquiada na perfeição com os lábios vermelhos, cabelo arrumado e um vestido longo e brilhante colado ao corpo que dava para perceber as curvas do seu corpo. Olhou para mim enquanto entregava o anel a quem recebia as apostas e sorriu, chamou Daniel e sussurrou algo ao ouvido, em seguida Daniel chegou perto de mim e disse:

- Ganhe essa aposta, além da grana toda que vamos colocar na sua mão, a Carolina disse que você vai sentar à mesa dela na festa e que quer conhecer você melhor – conforme me disse isto Daniel já tirou meu casaco, gravata, camisa.

Naquele momento fiquei, a saber, que aquela mulher sensual chamava-se Carolina. Conforme Daniel me ajudava a tirar a roupa, os olhos dela acompanhavam cada movimento do meu corpo, estava hipnotizada por cada musculo do meu corpo, falava algo com as amigas que estavam ao seu redor e sorria me olhando bem fundo dos meus olhos, ela tinha algo inebriante que me prendia como um íman e nem percebi que a luta tinha começado, fui despertado por um soco que o meu adversário deu, me fazendo cair de rosto no chão e todos riram e diziam “Esse é que e forte”? As risadas foram como combustível para que meu sangue fervesse e me fizesse saltar do chão e em três murros que dei no amigo de Daniel, deixei estendido no chão inconsciente, Daniel dava pulos de alegria com a minha vitória e principalmente pelo dinheiro que acabamos de ganhar. Na realidade tinha ganhado em menos de alguns minutos o mesmo que ganharia em um ano a trabalhar com o meu tio na padaria.

Quando Daniel chegou perto de mim vinha com um bolo de dinheiro e o anel de Carolina, ainda me recompondo da briga, arranquei o anel da mão dele e dirigi-me a dona daquela peça de joalheria. Ela estava de costas comemorando a sua vitória quando agarrei no braço dela e a virei para mim dizendo:

- Acho que isto pertence à senhora!

Ela sorriu para mim e esticou a mão para que colocasse o anel de novo no dedo, quando toquei na mão dela parecia que uma carga elétrica tinha inundado o meu corpo, senti o cheiro de perfume caro e

pude observar de perto a beleza daquela mulher, os nossos olhos cruzaram-se e não mais consegui deixar de olhar para eles, eram de uma beleza única, azuis que pareciam o mar que estava habituado a mergulhar, aqueles olhos fizeram-me imediatamente lembrar-me do mar de Vila Nova de Milontes, depois daquela troca de olhares nunca mais nós separamos. Carolina Bettencourt era o seu nome, filha única de uma das famílias mais tradicionais de São Paulo, herdeira de uma das maiores metalúrgicas, mimada, arrogante o quanto bastasse pela sua condição financeira, tudo o que queria ou desejava tinha e eu fui o seu último desejo. Depois daquela noite ficamos inseparáveis ela adorava-me, ensinou-me a vestir elegantemente, a comportar-se em uma mesa, como lidar com pessoas ricas e finas, ensinou-me etiqueta, lapidou-me como um diamante.

E assim começou a minha amizade com Daniel, ficamos amigos, sócios, parceiros na vida e nos negócios com mais de trinta anos e agora ali estava eu como Comendador e ele o meu braço direito em tudo, sentou-se na minha frente, sorriu e disse:

- Parabéns Senhor Comendador, chegou a hora de regressar, está aqui à pasta que me pediu meu amigo nela você encontra todas as informações das pessoas do seu passado, inclusive sobre ela – ao mencionar Ana Maria o seu semblante ficou sério.

- Vamos marcar a reunião com os sete, agora o relógio começa a rodar para os meus objetivos.

Mediante a minha ordem, Daniel levantou-se e dirigiu-se a porta enquanto abria a pasta com todas as informações sobre as pessoas do meu passado. Agora a minha vingança ia começar sem demora, sem remorsos e muito menos dó daquela gente.

Capítulo 4

A reunião dos sete

A sala de reuniões ficava no vigésimo andar do prédio do Holding. Tinha uma porta de ligação direta com a minha sala, sempre cuidei de tudo ao pormenor e o escritório principal e sede da empresa tinha passado por minha vistoria para que tudo ficasse imediatamente ligado a minha pessoa e personalidade. A decoração era austera, imponente, móveis de madeira escura e maciça, peças de arte clássica nas paredes misturadas com algumas fotografias de pessoas importantes, o mais moderno na sala era sem dúvida o sistema de comunicação em que poderia falar com qualquer parte do mundo, uma enorme televisão onde passava continuamente um vídeo sobre o grupo Bettencourt. Tudo aquele tinha a cara e o bom gosto que durante anos fui adquirindo, agora Comendador encaixava na perfeição, quem entrava na empresa e naquela sala ou tinha o privilégio de conviver comigo nunca imaginaria que o mesmo António Bettencourt tinha sido pobre, pescador e que as suas origens simples o tinham levado a construir um império fascinante.

Orgulhoso? Sou sim, em todos os sentidos: do lugar que cheguei, do que conquistei, em nunca ter baixado a cabeça para ninguém e para nada, isso tinha me feito chegar ali. Agora esse sentimento levar-me-ia de volta a Portugal - a terra que tinha deixado a mais de trinta anos

sem nada e naquele momento tinha tudo para poder fazer justiça. Claro que hoje não era mais aquele pescador, sem estudos, sem educação pelo contrario era refinado, culto, apreciador de arte, falava línguas, admirador de etiqueta, refinamento e tudo o que o dinheiro pôde proporcionar; estava ali aguardando a reunião com um grupo preparado para poder dar asas ao meu plano que desenvolvi durante anos e o momento tinha chegado.

Do outro lado da sala - que me separava por uma porta - encontravam-se sete pessoas todas elas diferentes que iam me ajudar a conseguir o meu objetivo “não deixar pedra sobre pedra” sobre a terra que me vira nascer, ali tinha pessoas para semear medo, discórdia, cobiça, inveja, soberba, luxuria e avareza. Todos tinham precisado da minha ajuda no passado e agora era a altura de retribuírem o favor me ajudando nos meus planos, Armand Mouret era um francês radicado no Brasil há muitos anos dedicava a sua vida aos casinos clandestinos. Tatiana Sã Medeiros era uma travesti quem olhava para ela dificilmente dizia que ela era na realidade “ele”, cafetina de garotas e garotos de programa de luxo circulava na alta sociedade, porém circulava na sociedade como empresária dona de spa. Francisco Silva por dinheiro ele fazia qualquer coisa desde pequenos crimes a golpes bem planejados, um ótimo arrombador de cofres. Manuel de Nobrega ele um testa de ferro em todos os meus negócios sempre que precisava de algo no mundo empresarial e o meu nome não podia aparecer ele ocupava o cargo de importante empresário. Mauricio Leme um hacker dos melhores do mundo, pois

não havia nada que aquele rapaz de vinte e três anos não conseguisse fazer com um computador e, Emily Steel uma ex-agente da polícia americana que tinha sido acusada por passar informações sobre processos e, por isso foi expulsa da organização e, hoje era apresentada como chefe de segurança do holding. Daniel e eu formávamos o grupo que iria dar andamento ao plano minuciosamente, a frente de cada um encontrava-se uma pasta preta lacrada com lacre vermelho escarlate, Daniel levantou-se se dirigindo para a porta que dava acesso a minha sala e eu acompanhava tudo pelas câmeras, dirigi-me a porta para dar início a reunião. As portas se abriram e como sempre entrei com toda a minha superioridade, sentei-me confortavelmente enquanto todos me observavam:

- Bem vindos! Durante anos eu e o Daniel temos preparado vocês para o maior trabalho das vossas vidas, quando cada um de vocês foi colocado neste grupo sabiam que existia uma missão – todos eles se olharam observando o grupo peculiar que estava reunido. Durante anos vocês prestaram serviços para mim sempre que necessário, e pela primeira vez os meus seis anjos estão reunidos, a vossa frente encontra-se uma pasta com as informações deste novo trabalho.

- Trabalho? Quem irá destruir desta vez? – indagou Steel sorrindo maliciosamente, uma bela mulher loira e o que tinha de beleza tinha de maldade, coragem, sangue frio e uma inteligência de estratégia.

- Uma cidade inteira! – soltei a bomba e todos eles olharam uns para os outros chocados com a informação. Como sabem fui condecorado

como “Comendador da Republica Portuguesa” por serviços prestados a nação dentro e fora de Portugal, contudo faz mais de trinta anos que fui vamos assim dizer expulso de lá. Porém chegou a hora de voltar e, claro: quero deixar à terra que me viu nascerem como António Palhais algumas marca para que nunca se esqueçam da minha pessoa, mas não mais como “o Bravo” e sim, como António Bettencourt, “o Comendador”.

- O que o António quer dizer para vocês é que a missão tem como objetivo destruir todos aqueles que fizeram mal a ele e para isso, cada um de vocês é importante nessa missão – concluiu Daniel.

- Pelo que sei você nasceu em Portugal, numa terra perdida no nada a beira mar, com um povo simples, gente ligada ao mar, pouca cultura e você quer destruir eles? – questionou Maurício.

- Parabéns Mauricio, como sempre você me surpreende fazendo o seu trabalho de casa. Sim, são pessoas simples alguns e por isso ajudei durante anos a minha gente, o que existe de pessoas simples lá existe pessoas más, mesquinhas, ambiciosas, sem escrúpulos capazes de algo para alcançar poder, dinheiro e para isso não olham os meios para alcançar os seus objetivos, isso apreendi com eles na pele e por isso, vou pagar na mesma moeda o pagamento que tive a mais de trinta anos – olhei para eles friamente e as minhas palavras soavam como gelo que queima devagar e faz o maior estrago, eles entenderam pelo meu comportamento que o assunto além de sério, seria o mais importante da parceria daquele grupo – cada um de vocês

é a peça fundamental para o meu plano, portanto, foi preparada uma pasta com todas as informações sigilosas das vossas missões, pessoas que vamos cuidar e fazer arrepende-se por tudo o que me fizeram.

- Portugal? Este grupo vai para Portugal, vou para uma terrinha fazer o que? – perguntou Tatiana de forma nervosa.

- Tatiana aquilo que você faz aqui perfeitamente, quero você na cidade como a “animadora” de casamentos – sorri maliciosamente para ela – pense em você como a nova Tieta de Jorge Amado em terras de Portugal, literalmente.

- Tieta eu! Comendador você quer que eu vá para a Europa ser cafetina, estamos no século vinte e um e você me quer para desfazer casamentos – senti alguma irritação nas palavras dela.

- Desfazer casamentos não, destruir alguns sim ou pelo menos colocar algumas pessoas em nossas mãos sim! Tatiana isto não é um pedido e nem uma ordem, é a minha vontade. Da ultima vez que você negou uma vontade minha sabe o que aconteceu – Tatiana olhou para Emily e Mauricio e o seu rosto ficou pálido lembrando-se do passado.

- Claro Comendador, alguma vez eu neguei alguma coisa ao Senhor e o meu negócio aqui como fica? – questionou Tatiana.

- Funcionando normalmente e, além disso, na sua conta vai ser depositado um valor para cobrir qualquer prejuízo. Todos vocês vão

receber um valor acima do que recebem pelos trabalhos que efetuam para mim ou para as empresas do grupo Bettencourt, como se trata de algo pessoal e dado o risco da missão vou pagar muito bem, em cada pasta encontra-se o montante que cada um irá receber por este trabalho, podem abrir senhores – conforme disse isto, todos eles quebraram o lacre da pasta e conforme iam vendo o montante o sorriso nos lábios ia aparecendo. Afinal todos têm o seu preço e trabalhar com pessoas ambiciosas pagando bem temos eles fieis como cães de guarda.

- António por este valor você sabe que pode contar comigo sempre, sem nenhum peso na consciência para o que tiver de fazer e sem questionar nada - brincou Manuel de Nobrega, olhando ainda para os papeis que se encontravam na sua frente.

-Senhores, eu vou sair e deixar vocês com o Daniel a tratar dos pormenores, tenho uma viagem para Nova York, esta é a ultima reunião que teremos aqui no Brasil os nossos próximos encontros serão em Vila Nova de Milfontes e cada um no seu tempo, pensem como a missão derradeira dos meus anjos.

Capítulo 5

A família do comendador

Acho que nenhuma família é perfeita e a minha não fugia a regra. Quando conheci Carolina ela tinha um sonho de ter uma família numerosa lamentavelmente nunca conseguiu realizar o seu maior sonho, filha única, mimada, criada por empregadas, colégios caros e sem nenhum amor familiar. O nosso casamento foi rápido tanto na decisão de nos casarmos assim como os anos que ficamos juntos, para mim ela foi uma amiga, professora, companheira, amante, mas nunca um verdadeiro amor e ela sabia disso. Quando decidimos casar os pais ameaçaram deserdar ela e colocar a sua única filha fora de casa com a roupa do corpo, resultado em menos de seis meses estávamos celebrando o nosso casamento na Catedral da Sé, abençoada pelo bispo e a participação de toda a alta sociedade paulistana. Afinal era o casamento do ano nem sempre a filha de uma das famílias aristocráticas de São Paulo casa com um português desconhecido.

Os dois primeiros anos o nosso casamento parecia um conto de fadas, Carolina apresentou-me os prazeres da vida, ensinou tudo o que sei, como comportar-me, vestir, etiqueta adequada a um cavalheiro, aprendi com ela o gosto pela arte, ler um bom livro, escolher vinhos das melhores safras, selecionar as companhias para as viagens e eu a

ela oferecia o meu espírito indomável o que a fazia divertir-se muito em tentar me domar. Sentia-se uma verdadeira domadora de um animal selvagem que ela queria transformar, aos poucos foi conseguindo e tudo parecia perfeito quando o pior aconteceu, Gustavo Bettencourt - meu sogro - morreu um pai ausente e ainda mais como esposo, deixando toda a família na bancarrota, tinha nome, posse, uma das maiores metalúrgicas de São Paulo na altura, um palacete com um batalhão de empregados e uma infinidade de dívidas. Nessa época as duas herdeiras nada entendia de negócios ou como sair daquela situação, portanto coube a eu assumir todo o controle e como tal a vida de festas e viagens, transformou-se em empresário de uma empresa falida com um passivo maior que os bens existentes - tanto na empresa como na família - e, foi a partir de uma empresa falida que construí juntamente com Daniel a Holding Bettencourt.

No nosso sétimo ano de casamento nasceu Amanda Bettencourt, uma linda menina de cabelos negros que chegavam a brilhar de tão negros e os olhos azuis da mãe, determinada como pai, mimada como a mãe, cresceu sem saber o que era um “não” na vida, viajada, culta e hoje uma mulher que é seguida por tudo e todos, tornou-se o que chamam um “Hit Girl”, mulher que dita moda, normas e tudo o que faz virar tema de conversa ou notas em revistas sociais. E após um ano do seu nascimento vinha o tão desejado menino Rafael Bettencourt para dar o seguimento do nome da família, nasceu forte e com um choro que parecia que desejava desde pequeno deixar a sua marca no mundo. Quando ele nasceu lembro-me de pensar “Esse é meu filho”

tinha o meu olhar selvagem e determinado, agarrava desde pequeno o nosso dedo com uma força como dizendo é meu, mas cresceu e os filhos não são nossos e sim, do mundo. Transformou-se em surfista renomado e respeitado pelo mundo, a minha paixão pelo mar ele herdou, mas não o gosto pelos negócios, com o tempo nós fomos afastando e às vezes somos desconhecidos um para o outro; Eu tinha tudo o que desejava e o que nunca sonhei uma mulher linda, refinada, educada, dois filhos lindos, empresário de sucesso. Contudo tudo o que parece perfeito por vezes desmorona como um castelo de areia construído junto ao mar, na primeira onda ele se desfaz e desaparece em nossas mãos, sem conseguir controlar a sua força e, a exemplo disso foi o meu casamento ficou assim quase dez anos depois em um acidente quando Carolina dirigia para a nossa casa de praia e o carro perdeu a direção e ela faleceu. Perder ela foi doloroso e novamente senti a dor dilacerante de perder alguém importante, e resultado, dediquei-me a construir um negócio que crescia mês após mês.

Não existe família quase perfeita sem o veneno de alguém e esse alguém era minha sogra, uma mulher austera e difícil trato, Constança Bettencourt. Nascera numa família tradicional e a sua família como ela diz “É quase tão antiga como o Brasil”, mulher fria de sentimentos, snobe o suficiente para conseguir fazer com que qualquer mortal se sintira o ser mais inferior em relação a ela, mesmo tendo ficado falida com a morte do marido nunca perdeu a altivez de rainha da corte. E em trinta anos de convivência apenas me tolerava por causa da mesada que ela recebia de dividendos da empresa que geria, claro

que sempre que podia lembrava minha origem pobre ou mostrava que eu mesmo agora rico, refinado e importante não pertencia à elite da alta sociedade.

Estava preparando a viagem de Nova York para fechar um negócio importante quando o telefone toca, era a minha linha direta e apenas pessoas especiais ou a família tinham acesso e, quando atendi tranquilamente ouço a voz dela:

- Parabéns Comendador! Agora trato o senhor por pai ou Comendador quando precisar de um aumento na minha mesada? – Amanda soltou uma alegre risada e como era bom ouvir ela.

- Comendador, agora quando desejar discutir aumento de gastos tem de me tratar como Comendador, onde você anda? – questionei a ela pela ausência nos últimos dias.

- Pai, por favor! Ligo para dar os parabéns e o senhor começa a cobrar, sou uma mulher adulta não preciso de babá e muito menos um pai GPS. Fiquei feliz com a novidade – ao mesmo tempo em que estava brava pelo meu questionamento em segundos estava animada pela novidade – Comendador? E de Portugal? Pai eu não me lembro do senhor ter ido a Portugal por vezes me esquecia de que o senhor era português, tirando quando a vovó discutia com o senhor.

- Na verdade a sua avó nunca aceitou o português na família quando ela mesma tem sangue português, mas é verdade faz muitos anos que não vou a Portugal. Amanda, mas nunca esqueci a terra e as pessoas

de lá tanto que fundação Bettencourt ajuda muito aonde nasci e mudando de assunto preciso de conversar com vocês esta noite – meu tom de voz alterou-se de amável para autoritário porque era a única forma que eles me respeitavam. Fale com a sua avó e o seu irmão para hoje comparecerem ao jantar em casa precisamos conversar um assunto importante.

- Que assunto? – questionou ela curiosa o motivo da minha exigência da presença de todos no jantar – Para fazer questão de estarmos os quatro reunidos ao jantar deve ser importante.

- Sim é importante, Amanda jantar as oito em casa, todos! – ordenei eu.

- Com certeza, Comendador!

Amanda desligou sem questionar mais a minha ordem. Ela sabia que uma ordem minha tinha de ser cumprida e em casa as coisas funcionavam tal como na empresa, ordem de António Bettencourt era para ser cumprida e quem não o fizesse sofria as consequências dos seus atos. Amava os meus filhos eram o melhor de mim e de Carolina, eles me faziam lembrar os bons anos de casamento que tivemos. Eles eram mimados desde pequenos e só aumentou com a morte dela, os caprichos deles eram cumpridos de qualquer maneira e isso era uma forma de compensar a minha ausência por longos períodos fora de casa aumentando o meu património.

Capítulo 6

Vamos para Portugal!

Pouco faltava para as oito da noite quando o Bentley cruzou os portões da mansão. A casa toda iluminada dava um ar imperial digna de um Comendador, tive de rir a pensar assim, mas tinha tudo o que qualquer pessoa pode desejar e alguns sonhar e às vezes parecia que não tinha nada, a casa mais elegante e senhorial do Jardim América era a da família Bettencourt. Os seus altos muros e os portões negros com o brasão dos Bettencourt dourado cravado nas portas dava uma imponência a toda a casa, os seguranças da mansão vestindo os seus uniformes negros mantinham um respeito inerente a casa, então na realidade aquilo era mais uma fortaleza que uma casa, segurança, vigilância e um batalhão de empregados eram o que na realidade dava vida aquele monumento.

Os jantares da família Bettencourt eram tradicionalmente servidos às oito horas da noite, fosse jantares de família ou eventos mais elaborados, tradição que Constança mantinha desde sempre. Na realidade talvez fosse à única coisa que gostasse naquela mulher e, com a Carolina aprendi a apreciar a pontualidade e, portanto, uma coisa que levava para toda a minha vida. Então como tal a matriarca gostava que ninguém em hipótese alguma atrasasse nem que fosse um minuto, família e muito menos empregados, quando o carro parou

em frente a grande porta da casa, olhei para o relógio num ato de confirmação faltam dez minutos. Automaticamente que o carro parou, o mordomo que acompanhava a família há décadas estava mecanicamente à porta para abrir e receber a minha pasta dava as boas noites sem esboçar um sorriso, às vezes perguntava por que ainda mantinha aquele ser na casa, ainda tinha tempo de ir ao quarto pelo menos passar uma água no rosto e descer para apreciar mais um jantar em família e dar a boa notícia “Vamos todos para Portugal”, pensei qual seria a reação deles.

Ao sair do quarto lá estava Amanda muito bem vestida, bem demais para um simples jantar calculei que tinha mais um daqueles eventos que ela constantemente ia, abriu aquele sorriso que me perdia sempre que ela queria algo e eu, obviamente não conseguia negar; deu-me o braço e acompanhou até ao piso inferior:

- Pai tenho a sensação que este jantar vai ser um pouco indigesto – apertou o braço como uma criança assustada.

- Cada coisa ao seu tempo, vamos jantar e depois todos vocês saberão o motivo dele – tentei tranquilizar, mas na realidade sabia que o que iria dizer iria cair como uma “bomba” na família.

Descemos as escadas, passamos os salões no mais pleno silêncio, na sala de jantar já se encontrava Constança e Rafael acomodados em seus lugares, dirigi-me ao meu filho para cumprimentá-lo e ele veio dar um abraço dizendo:

- Parabéns Comendador! E agora filho de Comendador tem algum título? – Brincou comigo dando um abraço que já não recebia há algum tempo.

- Título? Tens de andar agora mais na linha – sorri para ele – Vamos jantar e boa noite D. Constança.

A velha senhora limitou a abanar a cabeça sem esboçar qualquer reação ao meu cumprimento e muito menos se dignou a responder educadamente a minha saudação. A mesa finamente colocada com a porcelana com o brasão da família, os cristais e a prataria estava colocados como um jantar de comemoração, e para provocar a velha senhora disse para Amanda:

- Parabéns pela pompa deste jantar. Tiveste algum trabalho para preparar tudo em tão pouco tempo?– pisquei o olho de forma provocativa.

- Pai, contei com a ajuda da avó, ela é a pessoa que merece os parabéns – comentou Amanda.

- Um jantar simples, para a família e o seu pai estarem reunidos apenas, nada demais para uma pessoa habituada a receber bem – respondeu Constança de forma seca.

- Que bom que é um jantar simples porque a novidade que tenho a dar também vai ser bem simples – informei em tom de superioridade para a velha senhora.

- Novidade? Que comprou um título de Comendador! Hoje qualquer “Zé ruela” compra até curso superior para virar Comendador significa que deve ter pagado um pouco mais por ele – indagou aquela mulher com toda a sua altivez.

- Se calhar pagou bem menos do que tenho vindo a pagar para sustentar a senhora nesta casa e todos os seus luxos, afinal o que restou a senhora depois da morte do seu marido foi o nome quatrocentão, o brasão, as amantes do seu falecido e as dívidas que eu paguei – meu tom foi-se alterando mediante o olhar perplexo de Constança – então o que compro ou deixo de comprar diz respeito a minha pessoa e apenas a mim. No caso a senhora pode sempre ir para outro lugar se estiver mal com o meu título de Comendador.

Constança arregalou os olhos em fúria com as minhas palavras, sabia como a ferir e deixar sofrendo, falar das amantes do falecido e das dívidas que paguei era a pior coisa que podia mencionar, ela ia responder quando Rafael interviu:

- Podemos ter um jantar em paz e fingir que somos a família perfeita?

Fez-se um silêncio na sala de jantar, os empregados olhavam uns para os outros até que dei ordem para servir e o jantar que, decorreu sem muitas conversas referentes ao título. Percebi nos olhos dos meus filhos a curiosidade daquele jantar no fundo eles conheciam o pai muito bem para saberem que o motivo de estarmos todos reunidos no mesmo espaço, não era para comemorar a condecoração, havia

algo mais que estava a espera que eu contasse e que iria lançar como uma bomba a qualquer momento.

Terminando o jantar todos olhavam para mim na esperança de dizer alguma coisa. Fiz sinal para que os empregados saíssem da sala de jantar e fechassem as portas, mediante a minha atitude confirmei que o assunto era sério e o que tinha para contar a eles era realmente sério, de forma simples clara e direta disse a eles o que a muito aguardavam:

- Vamos para Portugal! – olharam uns para os outros sem entenderem muito bem.

-Claro pai que vamos para a tua condecoração e quantos dias vai ser a viagem – questionou Amanda.

-Não são dias, estamos indo morar por tempo indeterminado para Portugal! – ainda estavam sem entender bem a minha colocação quanto a nossa mudança.

-Vamos para Portugal? De mudança? Por tempo indeterminado? – questionou Rafael abismado com tal bomba.

Os olhares dos três era uma mistura de surpresa, admiração, confusão com a minha posição, demoraram alguns segundos a digerir a bomba que tinha jogado na sala de jantar e, naquele momento perderam toda a educação, até a velha senhora gritava à mesa furiosa. Amanda reclamava e perguntava se eu estava doido com tal atitude e dizia que

não podia deixar os compromissos, os amigos, as coisas dela, mudar-se para outro país e para minha surpresa o único que não falou nada, apenas olhava para mim fixamente era Rafael, depois de alguns minutos ouvindo as duas falando tudo e mais alguma coisa, dei um grito:

- Vamos para Portugal! Sem perguntas, discussões ou opiniões, quero, posso e mando - nesse campo sempre funcionaram assim aqui em casa - pago as contas desta família, pago viagens, festas, roupas, cartões de credito, carros do ano a você Amanda então se eu digo que vamos para Portugal, você começa já a fazer as mala – virei-me para Constança e apontei o meu dedo bem no seu rosto – pago tudo a senhora, não quer ir para Portugal sem problema, nesta casa à senhora não fica e pelo dinheiro que a senhora têm na sua conta vai morar na favela de Paraisópolis. Então pode escolher Portugal com vida mansa ou favela para conseguir sobreviver?

- Pai e o meu trabalho? – questionou minha filha com cara de pânico.

- Trabalho? Que trabalho? Um blog que você fala de roupa, maquiagem, perfumes, festas, lugares badalados não é propriamente trabalho, afinal eu continuo pagando as suas despesas então você não tem trabalho porque ser “hit Gril” não paga o seu padrão de vida – o rosto dela ficou vermelho de raiva perante a minha atitude – veja esta viagem com uma viagem de trabalho, em Portugal você vai a Paris, Milão, Barcelona ou Londres com facilidade.

- Portugal pai? Quando eu quis morar em Nova York você disse não, temos apartamento lá e eu não posso morar lá, agora quer que vá para Portugal morar? – Amanda estava aflita com a minha decisão.

- Nova York, lembra o que fez em Nova York? Preciso refrescar a sua memória da razão de ter dito não nesse momento aumentei meu tom de voz porque o assunto de Nova York era proibido nos últimos tempos – estão decididos, vocês vão comigo para Portugal ou cada um vai ter de aprender a sustentar com os vossos próprios recursos e você, Rafael não vai falar nada.

- Pai, o senhor decidiu e a nossa opinião nunca contou vou discutir porque, para mim Portugal sem problemas têm praia, mar e ondas para o que eu faço é perfeito – sorriu ele para mim – apenas uma pergunta: O senhor vai passar mais tempo em casa conhecendo melhor os seus filhos?

Aquela pergunta foi como um tiro bem certo dentro de mim porque na realidade não conhecia os meus filhos, o que eles gostavam, os seus sonhos, desejos, todos os que estavam naquela casa eram estranhos para mim. Apenas tinha uma secretária que pagava as contas deles, uma advogada que os livrava de problemas, um avião para levá-los a onde eles queriam e um presente caro para eles sempre que viajava como compensação. Segurei na mão de Rafael e respondi:

- Vou tentar ser melhor pai e estar mais tempo com vocês – ele sorriu para mim perante tal afirmação da minha parte, afinal ele sabia que palavra minha quando dava era regra inclusive para mim.
- Quando viajamos para Portugal? E onde vamos morar? – perguntou com medo Constança sem saber qual a minha reação.
- Dentro de um mês e vamos morar em Vila Nova de Milfontes.

Capítulo 7

Uma surpresa agradável

Estava cansado, depois de viajar para Nova York porque passei mais tempo no ar do que propriamente em terra. Tinha ido apenas para fechar a nova aquisição da empresa a qual exigia a minha presença, coquetel, discurso e muitos apertos de mão afinal a nova empresa adquirida pelo grupo tinha contratos com o governo do Estado, então era exigida a presença do grupo. Não fiquei na cidade o tempo dos motores do avião particular esfriarem e mesmo com todo o conforto que usufruía em um voo particular sentia-me verdadeiramente cansando e, com a minha partida para Portugal estava perto não podia deixar de cuidar de alguns detalhes no escritório de São Paulo, colaboradores, assessores facilitam o nosso trabalho na empresa, mas gerir uma empresa com o patrimônio da Bettencourt exige muita dedicação e poucas horas para descansar.

Minha agenda passada por Miriam estava bem tranquila, algumas reuniões com alguns departamentos do grupo, almoço com um político importante e a tarde assinatura de documentos que necessitavam da minha presença e uma entrevista. Sou sincero que esse pormenor da minha agenda não prestou muita atenção, afinal entrevistas minhas são recorrentes sempre com um pormenor sem fotografias ou câmeras, até que o telefone tocou:

- Sr. Bettencourt a jornalista Cristina Machado está aqui para a entrevista – informou Miriam sem dar muitos mais detalhes.

- Miriam diga a jornalista para entrar em cinco minutos, cheque com ela se esta sem máquina fotográfica e, claro, sem celular – informei como habitual em cada entrevista que dava.

Quando os cinco minutos passaram, Miriam bateu na porta suavemente e abriu, por trás da secretária surgiu uma mulher com pouco mais de vinte e nove anos, elegante com um ar selvagem, tinha bom gosto sem exageros, alta e muito elegante. No momento que entrou os cabelos me chamaram a atenção, pois eram ondulados, soltos e castanhos com luzes cor de mel, os olhos castanhos amêndoa, o seu tom de pele, uma boca desenhada na perfeição com um sorriso que cativava, sem muita maquiagem o que a deixava ainda mais sensual por estar tão natural, vestia uma camisa branca de alfaiataria com os alguns botões abertos, o tecido da camisa demarcava o seu corpo e pude perceber o desenho que os seus peitos faziam na camisa, usava uma saia preta que emoldurava a sua cintura, ancas, pernas e que pernas, o salto alto deixava ela mais elegante, dei por mim a pensar “Que mulher!” Eu que tinha as mulheres que queria estava admirando algo de diferente naquela mulher parada a minha frente, retribui o sorriso dela com um aperto de mão, a pele dela era suave feito seda pude sentir no toque por meros segundos, Miriam estranhou minha reação porque sempre mantenho a distância, as primeiras palavras que saíram da minha boca foram:

- Muito prazer! – sorri para ela de forma delicada, pouco habitual para o meu comportamento, ela tinha algo diferente, principalmente para jornalista, indiquei a cadeira a minha frente para sentar-se.

- Obrigada Senhor Comendador por me receber, por ter proporcionado um voo particular – naquele momento entendi quem era ela, a jornalista portuguesa que desejava saber quem era o Comendador, agora era eu que queria saber quem era ela – agradeço por ter disponibilizado o seu tempo. Na realidade até chegar aqui à sua empresa, Comendador António Bettencourt era apenas um nome.

- Deseja um café, uma água? – perguntei olhando fixamente nos olhos dela e ela não desviou um segundo o seu olhar.

- Uma água natural está bem – pediu ela olhando para Miriam.

- Miriam duas águas naturais, por favor, não passe nenhuma ligação – a assistente saiu discretamente nos deixando a sós para a entrevista – em que posso ajudar o seu jornal, senhorita?

- Cristina Machado, jornalista do “Correio de Vila Nova”, primeiramente quer agradecer pelo que o senhor Comendador proporcionou ao jornal. Somos um jornal pequeno da região com poucos recursos, mas preocupados em dar a verdade aos nossos leitores e na região o “novo” Comendador é um enorme ponto de interrogação, quem é António Bettencourt? – questionou ela com a garra de jornalista competente e profissional.